

#13

PRESENÇA DIGITAL DOS MUSEUS E SEUS DESAFIOS

COM MARÍLIA BONAS

Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Marília Bonas

Meu nome é Marília Bonas, sou historiadora e museóloga, trabalho há quase 20 anos na área de museus, gestão, pesquisa, curadoria, e venho me especializando em processos participativos e Museologia Social. Toda a discussão sobre museus e essa realidade pré-conectada é algo que me interessa muito porque algumas questões e, especialmente, no momento em que a gente vive, têm uma certa urgência. Em que medida podemos contar com a experiência digital, virtual nos museus? É uma camada nova de experiência ou é uma camada que substitui algumas experiências presenciais ou não? Então, para os museus, existe todo um desafio. Acho que eles têm um espaço muito privilegiado na sociedade. Uma relação especial que acontece com esses objetos, que podem ser materiais ou imateriais, produzindo uma série de significados, conteúdos, conhecimentos. Toda essa realidade hiperconectada também expande essas possibilidades de relação. Vivemos em um mundo do hipertexto, as nossas relações são de hipertextuais. Um objeto material ou não dentro de um museu pode disparar uma série de conexões subjetivas e objetivas. O grande desafio dos museus agora é como compartilhar essas conexões que o próprio público faz, a partir desses objetos e narrativas que o museu apresenta, e, também, como os museus podem absorver e fazer com que essas relações retroalimentem as proposições do museu como um todo. Enfim, o principal desafio é organizar essas respostas e fazer com que elas estejam presentes em todo o trabalho.

Na área da Museologia, observamos que os museus se organizam de acordo com três perspectivas técnicas: preservação e conservação; pesquisa dos conteúdos; e comunicação interna e com os públicos, através de várias ferramentas e, também, as ações educativas, as exposições virtuais e presenciais, temporárias e de longa duração. O mundo digital traz a

possibilidade de nós entendermos como fazer os três pontos desse triângulo girarem com harmonia. No caso de uma obra, que é a mais visitada, a mais querida, como incorporar isso na documentação desse objeto? Como dar novas camadas de interpretação desse objeto? Como pesquisar a relação desses públicos com esse objeto? Como criar essas ferramentas para que o mundo digital traga, de fato, para nós, que somos profissionais de museus, novas camadas de informação a respeito daquilo que a gente preserva? Uma questão interessante é pensar na existência desses museus no digital, nessa camada imaterial, e nesse diálogo com os museus reais, que são espaços físicos, e apresentam uma experiência que pode ser mais imersiva, mais analógica, mais interativa ou menos interativa. A primeira possibilidade dos museus no digital é permitir que se tenha contato, no mundo real, com o que o museu vai te oferecer. Então, acessar os conteúdos digitais antes de ir ao museu, traz um novo leque, uma gama de possibilidades e de ferramentas para a sua experiência no real, no físico. Há o fato, também, de ser uma experiência para os educadores, o que você gostou mais, o que tem mais potência. Podemos pensar em toda a variedade de público, como nos professores, não só os ligados ao museu, mas, também, os de Química, Física ou Literatura. O que oferece mais jogo para se trabalhar em salas de aula e como esses conteúdos podem ser explorados em outros espaços pedagógicos formais, lembrando que os museus trabalham muito na perspectiva da Educação não formal. Existe, também, o aspecto afetivo. Como na experiência do real, que passa pela corporeidade, pelos sentidos, pelos ritos. O museu oferece uma experiência que nenhum outro lugar tem. É muito diferente ver uma exposição em um centro cultural com 20 milhões de outras coisas e ver uma exposição em um museu, porque este tem toda uma preocupação, do começo ao fim, de trazer esses objetos como elementos centrais de uma relação entre humanos, entre a subjetividade, desejos, sonhos, repertórios afetivos. É muito legal que essa presença digital possa também registrar e pensar neste acúmulo de novas experiências do mundo físico.

Nós, que trabalhamos na área de museus, lidamos com muitos preconceitos a respeito do que é esta instituição. Muitos ainda entendem o museu como um lugar de elite, solene, onde se tem que ir bem vestido, da alta cultura. Independente do tipo de instituição onde a gente trabalha, já lidamos com essa imagem que os museus carregam. Essas imagens têm uma razão de ser; os museus, de fato, nascem nesse contexto. Você vai a um museu porque faz parte de uma elite intelectual, mas, nos últimos 15, 20 anos, vemos uma mudança nas próprias instituições. Há toda uma discussão da democratização de acesso e, também, do que, de verdade, é patrimônio, que é aquilo que nos pertence, com o que a gente se identifica. Se o museu quer, de fato, ser para todos, ele tem que pensar naquilo que a maior parte ou muitas pessoas possam se identificar. Tem que construir

essas pontes, preservar coisas que partam desse princípio para dialogar e criar essa relação com os vários públicos.

Acho que a tendência dos museus do futuro é pensar no aspecto entre o individual e o coletivo. Vivemos numa sociedade cada vez mais individualizada e em circunstâncias históricas em que o coletivo é a grande questão. Tomar uma atitude individual hoje tem um grau de responsabilidade, desde que esse individual pense também no coletivo. Os museus, no futuro, tendem a se comprometer radicalmente com essa defesa da humanidade, com esse desejo de transmissão da sabedoria de geração para geração, em defesa da vida. Todas as ferramentas são importantes. Nesta discussão em torno do mundo digital, muita gente dizia: “Eu vou nesse museu porque ele é cheio de tela”. Mas a gente, que mexe no celular, sabe que a tela, se você não tem o conteúdo, se não vai falar com alguém, se não vir algo interessante, tanto faz. E os museus entenderam isso. Não adianta um milhão de telas, interativas ou não, se aquele conteúdo não for interessante, se não trouxer reflexões e te envolver nesse nível da individualidade, em termos de experiência, e da coletividade, em termos de humanidade. Os museus do futuro tendem a trazer esse ponto fundamental do que nos une, não do que nos separa. Acredito que, exatamente por isso, os museus hoje, os museus amanhã, muito em breve, e os museus do futuro vão ocupar um espaço cada vez mais central nesta defesa do coletivo, do outro, da diferença que nos faz iguais.